Registo Bibliographico

"O PORTO DE FORTALEZA" — Conferencia realizada na Associação Commercial pelo Engenheiro Civil Augusto Hor-Meyll. 1931.

Constitue essa conferencia uma magnifica contribuição aos estudos da definitiva localisação do porto de Fortaleza. O illustre conferencista, que é um profissional de alta competencia, é um decidido apologista da localisação do porto na enseada do Mocuripe. Com visão segura e cerrada argumentação demonstra ser aquelle o unico local em que possa ser construido o porto, apresentando condições excellentes, o que affirma após meticulosos estudos que fez e do estudo comparativo dos demais projectos até hoje lembrados.

Diante da exposição clara e convincente do Dr. Augusto Hor-Meyll, e tratando-se, como se trata, do problema de maior alcance para a vida economica do Estado, não se poderá explicar nenhum retardamento na realisação desta secular aspiração dos cearenses.

A. Th. da C.

"POLITICA E POLITICOS NO IMPERIO", por Wanderley Pinho. Rio de Janeiro. Imprensa Nacional, 1930.

Um dos capitulos mais pobres de nossa bibliographia historica é, sem duvida nenhuma, o da chronica politica. Só ultimamente vão surgindo alguns trabalhos de merito nesse genero.

Em geral se perdem, ou são occultos por seus possuidores, por mal entendido escrupulo, os documentos e papeis particulares de caracter politico, mas que são de interesse collectivo,

encerrando, muitas vezes, a decifração, o esclarecimento de grandes duvidas historicas.

Felizmente, alguns espiritos desassombrados, e que comprehendem o alcance e valor desses documentos, já começam a dar o exemplo de que é não só licito como necessario abrirem-se os archivos de familia, afim de fazer resaltar a luz sobre muito ponto obscuro de nossa historia politica.

Entre os poucos que assim pensam, figura, com nobre garbo, o distincto escriptor bahiano Wanderley Pinho, cuja obra —, **"Politica e Politicos no Imperio"** —, é verdadeiramente interessante e devéras valiosa na sua parte documental.

Herdeiro do nome e do precioso archivo particular do Barão de Cotegipe, uma das mais fortes e singulares personalidades politicas que o Brasil já possuiu, Wanderley Pinho, na referida obra, publica alguns ineditos que esclarecem decisivamente alguns casos historicos que sempre foram motivo de interminaveis polemicas.

Compõe-se o livro de tres estudos, já publicados ha tempo, mas só agora reunidos em volume: **"Infancia e Mocidade de Saraiva"**; **"O Incidente Caxias e a Queda de Zacharias em 1868"**, e **"Queda do Gabinete Itaborahy"**.

O primeiro é, sobretudo, um perfil moral do afortunado politico do 2.º Imperio, atravez de sua correspondencia ao Brigadeiro Garcez, seu avô por affinidade. São traços vigorosos que evidenciam com a maior nitidez os attributos de caracter e intelligencia de José Antonio Saraiva. A esse respeito, o autor tem uma phrase que resume, admiravelmente, esses attributos, explicando ao mesmo tempo as victorias do politico: "Era e foi sempre a cautella intelligente, o opportunismo sensato, a renuncia cabida, o encolhimento discreto, moldando a acção de um homem culto, profundamente honesto, grandemente justo, sabiamente amigo de seu paiz, seccamente confiante no futuro, e para quem luzio sempre a mais propicia estrella do 2.º reinado".

O capitulo seguinte, o mais importante do livro, é uma replica elevada, mas decisiva e documentada, contra a these sustentada por Baptista Pereira, magnifico escriptor, mas ensaista impaciente e imaginoso, de que a queda do gabinete Zacharias de Goes teve a sua causa num sentimento de despeito de Caxias contra o chefe do gabinete.

Argumentando á luz dos documentos parlamentares da época e de papeis particulares do Archivo Cotegipe, o autor provou, de maneira que nos parece irrefutavel, que, a crise ministerial não foi resultado de uma intriga politica ou de sentimentos inferiores por parte de Caxias, no auge de sua

gloria, como general em chefe de nossas tropas contra o Paraguay.

Estiveram ambos á altura de sua missão, com a mais perfeita dignidade e patriotismo.

O que houve, evidentemente, foi exploração partidaria em torno do pedido de demissão do Marquez, creando um ambiente de desconfiança num periodo delicadissimo de nossa vida politica.

O capitulo final, que trata da queda do Gabinete Itaborahy, sob alguns aspectos é o mais interessante, dos tres ensaios.

Atravez de documentos de grande valor, o autor faz um verdadeiro esboço dos processos politicos do 2.º Imperio, pondo em flagrante não só os vicios do regimen como as qualidades e defeitos de algumas figuras notaveis que nelle se agitaram.

Nesse sentido, o Dr. Wanderley, divulga alguns documentos do Archivo Cotegipe, que, a nosso vêr, são os mais valiosos do livro. Trata-se do resumo feito pelo proprio punho do Barão de Cotegipe, de duas conferencias ministeriaes com o Imperador (Gabinete Itaborahy, do qual fazia parte o referido Barão), dando-nos um flagrante precioso não só da psychologia de Pedro II como dos seus ministros, e tambem das idéas politicas da época.

O caracter ligeiro destas notas não nos permitte acompanhar o autor em todo desenvolvimento de sua vigorosa argumentação, nem apreciar detidamente o valor dos diversos documentos apresentados.

Apenas quizemos salientar os traços caracteristicos de sua obra, que merece os mais francos elogios.

"MECANIQUE DES FLUIDES", por M. Henri Villat.

Comprehende esse trabalho um alto estudo sobre a mecanica dos fluidos, mostrando-se seu autor um profundo conhecedor desse ramo das mathematicas applicadas.

Com a maior clareza expõe as propriedades das funcções harmonicas, além de outros assumptos, baseando suas deducções em formulas rigorosas, com o auxilio do calculo infinitesimal.

Vê-se, no correr da leitura desse livro, que o Dr. Henri Villat é profundo no estudo das sciencias exactas, constituindo essa monographia, uma utilissima fonte de consulta para os especialistas.

A. Th. da C.

"CEARÁ COLONIA" — Walter Pompeu (*)
— Typ. Urania — Fortaleza, 1929.

Foi com immensa curiosidade que percorremos o "Ceará Colonia".

Pelas apreciações elogiosas divulgadas na imprensa local, suppunhamos tratar-se realmente, da mais completa exposição, da mais rigorosa synthese dos factos aqui desenrolados, de 1603 a 1822.

E não era extranhavel que assim prejulgassemos a monographia do joven e esforçado publicista, uma vez que o trabalho em allusão é o primeiro no genero que se publica depois que a Historia do Ceará se aclarou e se constituiu, em parte, á luz dos documentos divulgados pelo Barão de Studart e graças á obra fragmentaria, mas definitiva, desse erudito historiador e de outros acatados cultores da historia nacional.

Todavia, ao rematarmos a leitura do livro de Walter Pompeu, ficou-nos a desoladora impressão de que, desta vez ainda, não lograra possuir o Ceará a obra conscienciosa e completa que está a merecer.

Na multiplicidade das contradições e deslizes que pelo volume todo repontam, sente-se, inilludivelmente, que o autor prescindiu do testemunho precioso das velhas chronicas cearenses, limitando-se a repetir escriptores do tempo em que a nossa historia apenas estava esboçada.

A cada passo resente-se o "Ceará Colonia" da superficialidade e de exhibicionismo scientifico tão do gosto de alguns dos nossos lettrados.

Disso é prova incontestavel aquelle pretencioso capitulo sobre Paleontologia em que o autor, tratando da alta antiguidade da especie humana na Europa, sustenta, á p. 13, que os signaes e provas da existencia do homem primevo, só consistem em fosseis humanos e em objectos de pedra por elle fabricados e utilisados e que a raça de Canstadt é a mais antiga raça europeia de que se colheram restos.

Ora, sabe toda gente que a remota antiguidade do homem pode ser provada não só pelos dados que o autor cita, como

(*) Julgamos necessario incluir neste registro bibliographico esta critica feita ao livro do sr. Walter Pompeu, e publicada no "O Ceará", em vista das correcções ahi feitas aos innumeros enganos, alguns graves, commettidos pelo joven historiador, e que tinham passado despercebido no coro unanime de louvores que a referida obra despertou em nosso meio, e mesmo fóra d'aqui.

Estando escripto em linguagem elevada e suas asserções perfeitamente documentadas, cabendo, além disso, sua responsabilidade a Studart Filho, um dos redactores desta revista, cremos util esta transcripção. (Nota da Redacção).

tambem por incisões e entalhas deixadas em esqueletos de animaes, por fragmentos de ossos quebrados ou serrados e até pelo simples achado de vestigios de fogueiras prehistoricas.

Depois, ninguem ignora que de antiguidade superior a esses fosseis de Canstadt cuja procedencia é obscura e suspeita, existe na Europa a mandibula de Mauer, descoberta perto de Heidelberg.

Tomando por modelo os "Estudos de Historia do Ceará" de Catunda, Walter Pompeu foi de uma infelicidade lamentavel, pois esposou, inadvertidamente, aggravando-os por vezes, quasi todos os seus erros.

Temos a convicção de que o esperançoso historiographo cearense repellirá com simulada indignação essa nossa assertiva.

A obra historica do velho professor de philosophia é malsinada pelo autor do "Ceará Colonia" que affirma ser aquelle escriptor o mais infiel dos nossos chronistas.

A verdade, porém, é que foi Joaquim Catunda a fonte predilecta de suas indagações historicas.

Abramos, o livro de estreia do novel escriptor, primeiramente na pagina 92, e façamos um ligeiro confronto com o que se contem na p. 97, dos "Estudos de Historia".

Diz o sr. Walter:

"Mathias Beck desembarcou na enseada de Mucuripe, reconstituiu o antigo forte dando-lhe a forma de um pentagono que denominou Shoonenburck (Schoonenborch é que deveria dizer) e entrou em relações com as tribus indigenas".

Lê-se em Catunda:

"No Ceará reconstituiram (os hollandezes) o forte de S. Thiago, deram-lhe a forma de pentagono e o denominaram Shoonenborch".

A linguagem é, como se vê, quasi a mesma mas os desconchavos do sr. Walter são mais numerosos e graves.

Nenhuma obra de defesa fixa havia em Mucuripe quando aqui chegaram os Hollandezes, nem Mathias Beck reconstituiu forte algum no Ceará.

Ao pisar as nossas plagas, tratou elle de levantar, sobre o morro chamado "Murujaitiba", um fortim que foi posteriormente ampliado tomando então a forma de um polygono estrellado.

Quando Catunda escreveu sua pequena monographia sobre o assumpto ainda não viéra á luz, traduzido por Alfredo de Carvalho, para a Revista do Instituto do Ceará, o "Diario de Mathias Beck" encontrado pelo benemerito José Hygino, no Archivo da Companhia das Indias Occidentaes, em Haya.

E' natural, portanto, que fossem ignorados esses pequeninos detalhes.

O sr. Walter, porem, não tem defesa.

Não se comprehende, com effeito, que ainda hoje se venha affirmar semelhante incongruencia depois da publicação daquelle valioso documento.

Passemos, para um novo cotejo, á p. 76 do "Ceará Colonia".

"Levantado o forte, refere s. s., feitas as pazes com os **indios cearenses** que **ficaram sob a chefia dos notaveis pitiguares Jacaúna, Piratinin e Zorobabé**, tratou o capitão-mór..."

Vejamos, mais uma vez, a monographia de Catunda, p. 76.

"Fundada a colonia, (trata o professor, da colonisação da Parahyba), aldeiados os tabajaras, não esmoreceu..."

E mais adiante:

"A historia abriu suas paginas a notaveis chefes potiguares, como **Zorobabé, Piratinin** e **Jacaúna** e sobre toda a raça se reflecte a gloria immorredoura com que esplende nos fastos da nacionalidade brasileira D. Phelippe Camarão, o maior vulto do pantheon indiano".

Entre os trechos firmados pelo professor sr. Walter Pompeu e por J. Catunda ha, á primeira vista, vagas semelhanças, apenas.

Quem sabe, entretanto, que dos selvicolas apontados somente um, **Jacaúna**, está ligado á chronica cearense, perceberá facilmente o decalque.

Todo aquelle que se der ao trabalho de perlustrar os annaes da Terra da Luz, revendo a longa lista de indios notaveis que aqui viveram desde Juruparyassú até Miguel da Silva Cardoso, jamais logrará encontrar os nomes de **Piratinin** e **Zorobabé.** O primeiro mais parece um appellido creado pela imaginação fertil de Joaquim Catunda. Quanto ao segundo, pertence á historia da Parahyba. **Zorobabé** é o chefe Potiguar com quem fez pazes, em junho de 1599, o Capitão-mór Feliciano Coelho.

Ainda um exemplo:

Escreve Catunda, ás paginas 65, "mallograda a empreza de Pedro Coelho se offereceram os jesuitas para catechisarem os indios da Ibiapaba".

"Aos padres Francisco Pinto e Luiz Figueira designou o provincial da Companhia F. Chardin para tão perigoso commettimento".

Imita-o o dr. W. Pompeu, p. 70 de seu livro, asseverando:

"Os abnegados jesuitas Luiz Figueira e Francisco Pinto, espontaneamente, se offereceram á Metropole, afim de tentar, mais uma vez, a conquista de uma terra castigada por todos os infortunios".

"Foi assim que, depois de designados pelo provincial da Companhia, F. Chardin, para tão arrojada empreza, partiram..."

E' grande a analogia entre as passagens apontadas. Até a palavra Chardin, evidentemente um erro de revisão, apparece no "Ceará Colonia" graphada de modo identico. Ha no todo apenas uma differença: onde o velho professor diz — "se offereceram os jesuitas" o sr. Walter corrige, affirmando: "Luiz Figueira e Francisco Pinto se offereceram" e aggrava um simples lapso de revisão com um erro historico.

Não foram aquelles santos varões que se offereceram para catechisar os gentios de Ibiapaba. A offerta de missionarios jesuitas destinados ao Ceará, partiu dos representantes da Ordem no Brasil.

"Acabado esse successo (o de Pero Coelho) pareceu ao Collegio dos Padres da Companhia de Jesus, que esta empreza era sua delles e de sua opinião e doutrina, como em fim pessoas dedicadas a descer, e amparar os indios. Pelo que havendo-se bem acconselhado na materia pedirão licença para dois Padres e 40 indios irem até a grande serra da Buapava, e delle ao Maranhão, ou ao menos ás partes a elle mais visinhas. Porque entendião, que os mesmos Indios havião de abalar-se para os receber, e levallos a tomar posse de todos aquelles mundos: porem Deus foi servido de outra coisa", escreve Diogo de Campos na "Jornada do Maranhão".

O Pe. Vieira na "Relação da Missão da Serra da Ibiapaba" sustenta que o pedido de missionarios foi feito pelo proprio governador Diogo Botelho.

"E como em todo o Brasil tinha mostrado a experiencia e particular talento e graça que Deus deu aos religiosos da Companhia de Jesus, para compôr os animos desta gente, á petição do Governador do Estado que era então Diogo Botelho, foi nomeado para esta empreza o Pe. Francisco Pinto, varão de grandes virtudes e mui exercitado e eloquente na lingua da terra, e por seu companheiro, o Pe. Luiz Figueira".

Deixemos, porem, de lado as confrontações.

Urge demonstremos nossa assertiva de se achar o "Ceará Colonia" eivado de inverdades historicas.

Essa tarefa é, aliás, facil. Tão farta é a messe de enganos contidos nesse trabalho singular que ao analysta se antolha apenas a difficuldade da escolha.

Tomemos, por exemplo, o capitulo VI. E' a parte mais laconica e, não obstante isso, a mais fraca de toda a obra.

Quatro paginas incolores e inexactas sobre a epopéa magnifica dos primeiros bandeirantes da fé catholica no Ceará.

Tudo na "segunda tentativa de colonisação" trahe a ignorancia do preciosissimo documento que é a "Relação do Maranhão" redigida pelo padre Luiz Figueira em 1608.

Tudo ali denuncia tambem que o nosso historiographo não leu igualmente o meticuloso estudo que a respeito de Figueira e Francisco Pinto publicou o actual Presidente do Instituto do Ceará, para commemorar o tri-centenario da vinda dos portuguezes á nossa terra.

Erro imperdoavel, pois que não seria exaggerado dizer-se que antes do Barão de Studart, nada de verdadeiro se divulgara no tocante á estadia dos primeiros jesuitas na terra de Iracema.

Antes delle escrever sua valiosa monographia sobre a viagem dos dois catechistas, "as amplificações e divagações occupavam o lugar da verdade singela e verdadeira", como muito bem disse Capistrano de Abreu, o douto mestre da nossa historia.

Depois de asseverar (p. 69) que Francisco Pinto e Luiz Figueira espontaneamente se offereceram á Metropole — equivoco de que já nos occupamos largamente — entra o sr. Walter Pompeu a sustentar as seguintes theses absolutamente infundadas:

— "Foi assim que, depois de designados pelo provincial da Companhia, F. Chardin, para tão arrojada empresa, partiram, em janeiro de 1607, de Pernambuco por mar, até as salinas de Mossoró, na companhia de 40 pitiguares já catechisados do Rio Grande do Norte, e de alguns portuguezes".

"Depois de alguns mezes de demora em Mucuripe, Luiz Figueira e Francisco Pinto, em companhia dos indios paupinas chefiados por Amanay (Algodão), dos caucaias e dos porangabas, todos já cathechisados,..."

"Chegados á Ibiapaba, depois de uma dolorosa peregrinação, os catechistas se entenderam com os selvagens e compraram as pazes com pequenos presentes, fundando com os **tabajaras**, em **Ararenda**, a primeira aldeia".

"A conversão dos tabajaras foi facil. Os jesuitas em poucos mezes de trabalho, levantaram igrejas na maior povoação da Serra, com contentamento geral dos autochtones e, lentamente lhe incutiram as sublimidades de uma religião redemptora até então delles desconhecida".

"Num dia do anno de 1608, depois dos dedicados missionarios catholicos terem fundado algumas aldeias e christianisado todas as tribus tabajaras, no momento em que o padre Pinto estava ao pé do altar para dizer a missa, entraram de roldão pela igreja a dentro os indios tacarijús e com flexadas matam todos os presentes, inclusive o proprio padre".

"O padre Luiz Figueira, porém, que escapou milagrosamente dessa hecatombe, conseguiu esconder-se e, disfarçado,

passou para o Rio Grande do Norte, onde recebeu auxilios do sargento-mór do estado Diogo de Campos".

Não nos deteremos em refutar o que atraz se lê.

O assumpto já foi sobejamente ventilado pelo Barão de Studart (Rev. do Inst. do Ceará. Tomo XII. Anno XII) e por isso julgamos inutil insistir em terreno tão palmilhado.

O capitulo seguinte, que trata de Martim Soares Moreno, é igualmente um cerrado trama de inexactidões.

Ao acaso, entre os dez deslizes que encerra essa parte do escripto, apontemos dois ou tres. Os outros enganos são por demais evidentes, não necessitam commentarios.

Logo no principio do capitulo lê-se:

"Diogo Botelho passando o governo geral do Brasil, ao seu legitimo successor Diogo Marques..."

Ora, Diogo Botelho foi substituido no governo do Brasil por Diogo de Menezes e Siqueira, em 1608...

Não se diga tratar-se aqui de mero engano de revisão. O capitulo foi reproduzido pelo seu autor no jornal "O Povo" com o mesmo erro.

Prosigamos.

P. 78 "Martim Soares Moreno, que tinha sido encarregado de estudar a situação dos francezes no Maranhão, desempenhou com felicidade sua missão, porém, ao tornar á Jericoaquara, os ventos desfavoraveis o arrastaram ás Antilhas, depois ao Mexico e, finalmente á Espanha".

Martim Soares Moreno nunca esteve no Mexico. Duas vezes velejou elle aguas do Mar das Antilhas sem nunca aportar ao Continente.

A primeira, em 1613, quando fugindo aos Francezes foi, por ventos contrarios, levado ás Antilhas, e a segunda, em 1616, quando arribou á ilha de São Domingos.

Compulse o joven escriptor patricio a carta escripta por Martim Soares a Gaspar de Souza expondo as peripecias de sua viagem ao Maranhão e arribada ás Indias (27 de abril de 1614) e a "Relação do Ceará" da autoria do mesmo destimido aventureiro portuguez e nos dará razão.

"Assim, em 1617, Martim Soares Moreno, continúa s. s., p. 79, com a patente de Capitão-mór e a nomeação de governador do presidio por dez annos, regressa ao Ceará, onde encontra a colonia completamente pacificada, graças aos relevantes serviços prestados pelo seu velho e fraternal amigo Jacaúna — expressão da honradez e da lealdade indigenas".

Trez senões graves num só periodo!

Martim Soares não esteve no Ceará em 1617, como es-

creve o distincto professor, estribado de certo em Barba Alardo de Menezes.

Nessa data, estava elle em Portugal, onde permaneceu provavelmente até começos de 1621.

Tambem a carta patente nomeando-o Capitão-mór por dez annos não remonta a 1617, pois ella é de 26 de maio de 1619.

Em contraposição ao que o autor affirma no tocante á situação da Capitania quando aqui aportou o sobrinho de Diogo de Campos, escreve o Barão de Studart, certamente melhor fundamentado:

"Chegando ao Ceará (em 1621) encontrou Martim Soares a população portugueza, que era de vinte pessoas e os indios amigos em hostilidade com algumas tribus circumvisinhas, a terra escassa de provisões por falta de ferramentas para cultival-a..."

Passemos ás Guerras Flamengas (capitulo VIII).

Encerra infidelidades manifestas e lacunas que, por vezes, obscurecem a narrativa e desvirtuam a verdade historica.

Ás paginas 90, lê-se:

"Gedion Morris, o substituto de Van Ham, passageiro da galeota **Fuymsluyper**, demorou-se tambem pouco tempo na exploração das salinas por elle descobertas".

"Depois do assassinio do governador do Ceará hollandez, capitão Jacob Evers, os indios, chefiados por Ticuna, capitão das aldeias de Camocim, indignados pela oppressão exercida pelos conquistadores flamengos e, principalmente, pela falta de pagamento aos que trabalharam nas salinas, resolveram vingar com sangue as deslealdades injustificaveis praticadas pelos filhos da Batavia".

Nos trechos apontados, o autor, além de não esclarecer quem assassinou a Jacob Evans e qual a causa determinante de seu traspasse, baralha lamentavelmente os acontecimentos ligando factos que de nenhum modo se relacionam.

A morte de Jacob Evans, trucidado numa cilada armada pelos portuguezes no outeiro da Crus, nada tem que ver com a revolta dos indios de Ticuna, como o A. deixa transparecer claramente.

Tampouco o ataque ao forte de Camocim, de que s. s. falla linhas abaixo, resultou da natural indignação de que os selvicolas cearenses se achavam possuidos pela falta de pagamento de seus salarios.

Fiel a seu methodo de escrever historia, nosso escriptor despreza as mais puras fontes da Historia Colonial do Ceará para abeberar-se em livros que devem ser hoje considerados suspeitos.

São suggestivos os trechos seguintes:

"Antes, porem, do Principe delegar ao cacique "Maniu", cabecilha dos "Porangabas", poderes para subjugar o Ceará, bem como auxilios de soldados e armas, dirigiu uma carta... (p. 88).

"Cheios de odio atacam o forte de Camocim surprehendendo, em seguida, o de "Nossa Senhora do Rosario", na ponta de "Jericoaquara", destruindo a ambos e matando seus defensores".

"Na aneia de novos combates marcham até a Fortaleza do Ceará, onde trucidam, dentre outros, os Hollandezes Lubbert Dir, Gedion Morris e os officiaes do hiate Brack, capitão Gim, o tenente Gras, o tenente Kogieu, o alferes Piron e mais cinco tripulantes".

"Os vencedores notificam o resultado da hecatombe ao governador de Maranhão, Antonio Teixeira de Mello que, em nome de D. João IV, o restaurador do throno portuguez, entra em São Luiz e toma conta dos seus fortes, nomeando para administrador do Ceará Estevão de Campos Moreno, parente de Martim Soares Moreno".

Todas essas passagens, inspiradas pela leitura de Catunda, pecam por falta de fundamento historico.

O tuchaua "**Maniu**" em tempo algum achou-se investido pelo Conde Mauricio de poderes para subjugar o Ceará.

Por documentos officiaes de origem Hollandeza (cartas de 25 de agosto e de 17 de novembro do Conselho Supremo do Brasil aos directores da Companhia das Indias Occidentaes, e os "**Dagelykche Notulen**") se sabe que daqui foram selvicolas ao Recife solicitar alliança com os Batavos e movel-os a expedirem soldados que tomassem o fortim de São Sebastião aos Portuguezes; sabe-se ainda que, resolvida pelo Supremo Conselho a conquista da Capitania do Ceará, o commando superior da tropa e direcção e execução do feito couberam ao Major George Gartsman. "**Maniu**" e seus gentios entraram nisso como meros auxiliares.

A revolta dos aborigenes cearenses contra Gedion Morris e sua tropa, de que fala s. s., teve logar em data anterior ao assalto dado contra os fortins de Camocim e Jericoaçoara, occorrido pouco depois da tomada de São Luiz pelas forças de Antonio Teixeira.

Leia o distincto professor as "Datas e Factos para a Historia do Ceará" Vol. 1.º, 1896, e o trabalho de José Hygino a respeito de Gedion Morris. São escriptos que esclarecem a contento a questão.

E' igualmente lamentavel a confusão do historiador no que tange á acção de Antonio Teixeira.

Antonio Teixeira, resa a chronica, mandou occupar os fortins do littoral cearense, mas não se sabe tenha nomeado nenhum administrador para a Capitania.

O capitão designado para a praça do Ceará, o foi por uma "resolução regia" de 2 de maio de 1645, e era Diogo Coelho de Albuquerque.

Estevão de Campos Moreno substituiu a Martim Soares no commando do presidio de São Sebastião em 1613...

Terminando o rapido cotejo dos capitulos centraes do estudo historico que o professor Walter Pompeu commette-se a escrever, poderiamos considerar finda a ingrata tarefa que emprehendemos.

Um imperioso dever, imposto pela sympathia que votamos ao autor do "Ceará Colonia" obriga-nos, porém, a proseguir.

Seja dito entre parentheses que não iremos reproduzir e criticar os enganos annotados pelos senhores Heitor Marçal e Ubirajara Carneiro — quasi todos absolutamente problematicos — nem tornar a apontar os senões que Carlos Pereira da Costa diz nelle haver descoberto, muitos dos quaes de somenos importancia.

Effectivamente, que importa á historia cearense que a mais antiga igreja do Brasil seja a do Patriarcha São Francisco e que o primeiro collegio brasileiro tenha sido fundado na Bahia e não em Piratininga? Em que nos toca a intencionalidade ou a casualidade do descobrimento do Brasil, se ambas as theses são defensaveis e jámais se poderá provar a veracidade de qualquer dellas?

Continuemos porém, a analyse do livro de Walter Pompeu.

O capitulo IX — A Companhia de Jesus — precisa, a nosso ver, de serios retoques, pois á fraqueza litteraria de certas passagens junta-se copia de enganos que necessitam corrigenda.

Ouçamos, mais uma vez, o autor do "Ceará Colonia".

"Expulso o ultimo flamengo do septentrião brasileiro, os jesuitas **voltaram os seus trabalhos** de christianização para a Serra Grande, estendendo-os mais tarde para o prospero valle do Cariri, onde fundaram innumeras aldeias, donde partiram cortando a Capitania de sul para norte, passando por Missão Velha, Missão Nova, Miranda, Arari (?), S. Antonio de Pitaguari e por muitos outros logares por elles denominados (?) até chegarem em Caucacia (?) Paupina, Porangaba e por ultimo no presidio do Ceará, edificando em toda parte igrejas e escolas cujas ruinas estão ahi para attestar o trabalho cyclopico desses immortaes alicerçadores da grandeza da terra".

"Nessa epocha era Provincial dos jesuitas no Brasil o Padre Antonio Vieira" (p. 101).

Ignoramos em que autor se firmou o joven lettrado para fazer taes affirmativas. Podemos, todavia, assegurar, baseados nos historiadores cearenses mais conspicuos (Bezerra, Nogueira, Studart, Theberge, etc.) que ellas são inteiramente destituidas de fundamento.

Os jesuitas nunca fundaram missões no Cariry, nem ali edificaram igrejas.

O Padre Antonio Vieira jámais occupou no Brasil a elevada dignidade de Provincial.

Na epocha apontada, 1656, era elle apenas superior das missões do Maranhão.

O Provincial do Brasil chamava-se Padre Ricardo Careu.

E tanto assim era, que a 10 de junho de 1658 escrevia Vieira uma carta ao citado Padre Careu, dando informações detalhadas sobre a missão da serra de Ibiapaba e sobre as causas por que se suspendera a vinda dos padres para o Maranhão, ordenada pelos superiores da Ordem.

Um pouco mais adiante, ainda na mesma pagina, se lê:

"Aos jesuitas Ribeiro e Pedro Pedroso, incumbira o Padre Antonio Vieira em 1681, depois do seu regresso ao Ceará (?), vindo do Maranhão, a catechese dos indios da Ibiapaba".

Isso não passa de mais uma phantasia inventada pelo joven historiador.

Tendo ficado assentada entre o Superior das Missões e o Governador André Vidal de Negreiros a catechese dos gentios da Serra Grande, foram designados para missional-os os Pes. Ribeiro e Pedro Pedroso, não em 1681 mas vinte e cinco annos antes, em 1656.

Os capitulos seguintes, X e XI, devem ser tambem inteiramente refeitos.

No primeiro, intitulado "Povoamento do interior da Capitania", ha senões gravissimos. Nelle nosso autor adopta inadvertidamente as opiniões de Theberge, Catunda e João Brigido no tocante á marcha das correntes migratorias que povoaram o Cariri, opiniões que os magnificos estudos de Antonio Bezerra, — sobretudo o denominado "Algumas origens do Ceará" — demonstraram serem inteiramente erroneas.

A lenda, segundo a qual uma bandeira composta de gente da celebre familia d'Avila, da Bahia, (s. s. escreveu d'Avilla), teria vindo explorar o interior do Ceará, no fim do seculo XVII, é ahi acceita e reproduzida como se fosse a expressão da realidade.

No "O drama do Povoamento", cap. XI, o sr. Walter não

satisfeito de confundir os acontecimentos, não os narrando na ordem chronologica, reedita velhos erros historicos já de ha muito corrigidos.

Para o apressurado autor do "Ceará Colonia", "A Corôa Lusitana ordenou a criação da primeira freguezia do Ceará no sitio de Aquiraz" (?) — engano já cabalmente desfeito por João Perdigão de Oliveira.

Consulte s. s. a tal respeito o artigo "A primeira Freguezia da Provincia", publicado por aquelle saudoso historiador na Revista do Instituto (Tomo II. Anno 1888). Ser-lhe-ha, estou certo, muito proveitosa a leitura de tão erudita monographia.

Outro ponto que deve ser retificado é o relativo ao vigario de Aquiraz, Pe. João de Mattos Serra. "O primeiro vigario de Aquiraz, affirma o A., p. 118, foi o padre portuguez João de Mattos Serra, vindo da Europa e chegado á villa quando o senado da Camara funccionava com regularidade".

O vigario João de Mattos não veio da Europa directamente para o Ceará.

Elle era, de facto, portuguez, mas residia, de ha muito, nas visinhanças de Recife, quando partiu, em março de 1698, para nossa terra.

Ao ter lugar a mudança da séde da villa para Aquiraz, já estava elle, portanto, na Capitania do Ceará, tendo sido aqui primeiramente vigario do Presidio de N. S. d'Assumpção.

E' sabidissimo de todos a resistencia opposta pelo Pe. Serra ás ordens que mandavam transferir para Aquiraz a séde da 1.ª villa cearense.

Ha tambem, neste capitulo, a falsa affirmação de ter sido Manoel Francez nomeado Capitão-mór em 1725, quando a posse do mesmo teve lugar em novembro de 1721...

Ás paginas 121 e 122, o professor repete o erro em que incidiram Catunda e varios outros dos nossos historiadores, affirmando chamar-se Geraldo Monte o chefe dos Montes e substitue, (p. 123) o nome de João da Fonseca Ferreira, um dos principaes do grupo dos Feitosas, pelo de Pedro A. Feitosa.

Os cabeças da familia Monte, na occasião da memoravel lucta eram, saiba s. s., Antonio Mendes Lobato e Manoel de Souza Barbalho. E' esta, pelo menos, a opinião do Barão de Studart.

Cabe notar que a historia da lucta dos Montes e dos Feitosas é um dos muitos capitulos de chronologia cearense inteiramente remodelados por aquelle emerito cearense que baseou seu estudo em 66 documentos authenticos.

Quando Catunda, João Brigido, Theberge, Araripe e Pompeu escreveram sobre o levante do Jaguaribe, o requerimento

do juiz do povo Simão da Costa era a unica peça que então se conhecia.

"A independencia do Ceará, affirma o sr. Walter Pompeu, p. 132 (Capitulo XII), trouxe-lhe um novo governo que somente á Metropole estava sujeito. Assim pelo mesmo acto que a Côrte de Lisbôa, em 17 de janeiro de 1799, separava a Capitania da immediata subordinação administrativa de Pernambuco, por esse mesmo acto nomeava seu primeiro governador Bernardo Manoel de Vasconcellos".

"Por morte de Bernardo Manoel succedeu-lhe no governo o fidalgo João Carlos Augusto Oyenhausen de Grewenbourg (aliás, de Oeynhausen e Gravemburgo) que..."

Ora, nenhum dos acontecimentos relatados é veridico.

De 17 de janeiro de 1799, data, effectivamente, a Carta Regia que separou a Capitania do Ceará do governo de Pernambuco, mas já naquella epocha Bernardo Manoel de Vasconcellos havia assumido o exercicio de Capitão-mór. Sua patente de nomeação é de 18 de outubro de 1797...

Bernardo Manoel de Vasconcellos, o primeiro governador do Ceará independente de Pernambuco, falleceu a 8 de setembro de 1801 e foi substituido, na direcção da Capitania, por uma junta governativa formada pelo ouvidor Silva Coutinho, pelo commandante da fortaleza, José Henrique Pereira, e pelo vereador Antonio Martins Ribeiro...

Estudando nesse capitulo, p. 133, a actuação de João Carlos no Ceará, diz nosso erudito autor que esse Governador "trazia de Lisbôa severas e expressas ordens de prender os Coroneis Manoel Martins e Manoel Ferreira Ferro, potentados do termo de Villa Nova de El-Rei, e accusados junto á rainha D. Maria I de um barbaro assassinio".

E mais abaixo:

"Manoel Martins e Manoel Ferreira Ferro, este chefe dos Feitosas dos Inhamuns, foram presos e remettidos para Lisbôa, onde lá morreu um delles".

Ha em tudo isso mais um grave engano.

Manoel Ferreira Ferro que, diz s. s. (p. 123), era um dos chefes da familia dos Feitosas, em inicios do seculo XVIII, não podia ter sido preso, cem annos depois, por João Carlos. Os prisioneiros, de 1805, foram o coronel Manoel Martins Chaves e seu sobrinho Francisco **Chavier** de Araujo Chaves.

Na digressão final ("Fim do Periodo Colonial") o sr. Walter não foi mais feliz do que nos capitulos anteriores.

Além de transmudar para Francisco Roberto Robin o nome do ultimo governador do Ceará Colonial e chamal-o de indeciso e covarde, deixa s. s. na mais completa obscuridade

as varias perturbações de ordem publica havidas durante sua curta administração e que tão bem caracterisam o estado de espirito do povo cearense de então.

Nada diz igualmente sobre o celebre conselho consultivo.

A pecha de indeciso e covarde não cabe a Aberto Rubim. O Barão de Studart dil-o autoritario e violento e o facto de haver elle, no dia de sua posse, invectivado publica e asperamente os membros do senado da camara de Fortaleza, obrigando-os, depois da cerimonia, a empenharem a haste do pallio que o cobria no regresso á sua residencia, parecem dar inteira razão ao velho e acatado historiographo cearense.

Perlustremos, igualmente, as eruditas notas com o que o distincto escriptor illustra diversas paginas de sua monographia.

Em quasi todas essas annotações se nos deparam, pelo menos, descuidos de revisão...

Assim, Modena é Modene; Jean Cousin passa a ser Jean Cosin; paleontologia transmuta-se em paleanthologia; Corographia brasilica de Cazal converte-se em Geographia brasilica; o judeu Jacob Rabbi é mudado em Jacob Rabli, scientista allemão; Igarassú torna-se Iguassú, etc., etc.

Em algumas dellas, no entanto, ha mais do que simples deslizes, ha falhas graves para um livro de historia.

Exemplifiquemos.

Lê-se na nota 11, p. 43:

"Koster, Humboldt, Small, Braner, Agassis e Whitfield estiveram aqui, mas nada adiantaram no terreno archeologico".

Tal affirmativa não procede.

Humboldt nunca veio ao Ceará. Compulse s. s. o trabalho do Barão de Studart, intitulado "Alexandre Humboldt e Bernardo Manoel de Vasconcellos" (R. do Inst. Tomo II, 1888) e o artigo "Archeologia e Fantasia" (Jornal do Commercio, n. 1.198), que Froes Abreu escreveu para refutar ao dr. Schwennhagen, e disso se convencerá facilmente.

"João Brigido assegura (escreve s. s. na nota 17), que as pazes foram propostas por mediação dos proprios francezes, sendo o cacique chamado **Abauna (Ubauna?)** o mensageiro designado para entender-se com Pero Coelho, o **Punaré**, como o cognominavam os Tabajaras da Serra".

Mais uma confusão do sabio conterraneo.

Não cabe discutirmos, aqui, a pouca plausibilidade da intervenção desse problematico **Aba-una**, de João Brigido, nas negociações de pazes realizadas entre Luzitanos e aborigenes da Serra Grande, mas apenas observar que Pero Coelho jamais teve o appellido de **Punaré**, dado pelos Tabajaras ou mesmo

quaesquer outros gentios. **Punaré** era o nome com que os incolas do grande platô designavam o rio Parnahyba, de cujas margens o primeiro Capitão-mór do Ceará teve de retroceder, obrigado pela rebellião de seus companheiros de aventura.

Aliás o proprio João Brigido (Ephemerides do Ceará, p. 4) faz bem claro esse ponto, dizendo: "Mas voltou da Parnahyba, Punaré, recolhendo-se á Nova Lisbôa".

Na nota 8, p. 42, escreve s. s.:

"... Foram resumidos por Capistrano de Abreu, esse notavel historiador cearense, que reduziu todos os selvagens brasileiros a 5 ramos fundamentaes: Tupis, Nu-aruaks, carahybas, gés e carirys divergentes uns dos outros não só pela organização anatomica, como tambem pelos dialectos proprios".

Nesse trecho de seu livro, o professor Walter trunca inexplicavelmente o pensamento de Capistrano, diminuindo de tres a divisão que aquelle saudoso sabio fez das nossas tribus indigenas.

Nos commentarios que adduziu ao livro de Frei Vicente do Salvador, escreveu Capistrano o seguinte: "Pelo estudo das linguas tem-se procurado conhecer as relações entre as differentes tribus... Os grupos principaes até hoje apurados, são:

1.°, Tupi-Guaranys; 2.°, Guaycurús; 3.° Maipurés ou Nu-aruaks; 4.°, Carirys; 5.° Gés; 6.°, Carahibas; 7.°, Panos; 8.°, Betoyas".

Como se vê, tudo isso está bem longe das affirmativas do polygrapho cearense.

Igualmente não tem razão de ser os seguintes dizeres da nota 50, p. 133.

"No seu governo (de Barba Alardo de Menezes) levantou-se a primeira carta da Provincia (?) que se conhece, depois das plantas da barra do Ceará feitas pelos hollandezes, por ordem de Mathias Beck, e conservadas por Barlaeus, no seu precioso livro sobre o governo de Mauricio de Nassau".

Engana-se o joven autor redondamente. Além das cartas contidas na obra de Barlaeus, numerosos outros trabalhos cartographicos precederam o mappa de Giraldés. No escripto intulado **"Cartographia, mappas, cartas, etc., referentes ao Ceará"** appenso á **"Geographia do Ceará"**, o Barão de Studart enumera nada menos de dez mappas do Ceará, levantados antes de 1808.

Attente-se que, para não alargar demasiado estes despretenciosos commentarios, deixamos em silencio as contradições e as numerosas impropriedades de linguagem que se observam no livro em apreço.

Curioso nos parece, todavia, annotar algumas phrases

enygmaticas contidas no apreciado trabalho do professor Walter Pompeu, pedindo para as mesmas a esclarecida attenção do leitor.

Eil-as:

"O **clima** do terciario **fazia desse mar boreal** uma especie de mediterraneo com uma temperatura invejavel".

"Modernamente, depois que as sciencias naturaes começaram a ser estudadas dentro das possibilidades scientificas..."

"... situado no meio da **zona torrida** e com um amplo littoral, o Ceará possue um dos melhores climas da zona tropical, que oscilla numa média de 26º50'".

"No seu reino (?) **Vasco da Gama aporta a Calicut**, depois de contornar a Africa, descobrindo assim o **caminho maritimo das Indias**, successo esse que deslumbrou a Europa e **solucionou**, por assim dizer, o grande **problema da navegação mundial**".

"Terminada a dominação hollandeza, pelo tratado de Taborda, no Ceará começaram a esflorar os primeiros elementos de seu movimento genesico".

Em resumo "O Ceará Colonia", livro com que o sr. Walter Pompeu estreou nas lettras historicas, é um trabalho infiel e apressado. Nada encerra de novo e parece ter sido escripto ha mais de cinco lustros e só agora levado ao conhecimento do publico.

"REVISTA DO ARCHIVO PUBLICO MINEIRO" e "LE GLOBE, ORGANE DE LA SOCIÉTÉ DE GEOGRAPHIE DE GENÈVE".

A primeira dessas publicações, contém magnificas contribuições, salientando-se a de A. Olyntho dos Santos Pires sobre Speleologia, em que o douto profissional explana com muita erudição um estudo sobre grutas e cavernas.

A segunda é uma revista de conceito mundial, tratando esse numero especialmente da India Meridional. O Doutor J. Carl, que é um zoologista notavel, percorreu toda a parte sul dessa peninsula asiatica do Dekan, estudando a natureza do solo daquelles macissos montanhosos, para explicar a genese do relevo da India meridional, dando-nos mesmo alguns resultados e perspectivas zoo-geographicas daquelles lugares.

A publicação, como de costume, está illustrada com algumas photographias.

A. Th. da C.